

## Culturas Juvenis e Pertencimento Urbano: Mapeando os Fluxos Juvenis na Cidade

### Juvenile Cultures and Urban Performance: Mapping Juvenile Flows in the City

**Victor Hugo Nedel Oliveira**

Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

E-mail: victornedel@hotmail.com

**Miriam Pires Corrêa de Lacerda**

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Professora da Universidade FEEVALE

E-mail: miriam.p.c.lacerda@gmail.com

**Endereço: Victor Hugo Nedel Oliveira**

PUCRS - Av. Ipiranga, 6681 - Partenon, Porto Alegre –  
RS, 90619-900.

**Endereço: Miriam Pires Corrêa de Lacerda**

ERS 239, 2755 - Vila Nova, Novo Hamburgo - RS,  
93525-075.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar  
Rodrigues**

Artigo recebido em 09/12/2017. Última versão  
recebida em 24/01/2018. Aprovado em 25/01/2018.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review  
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review  
(avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação

## RESUMO

Como os jovens contemporâneos se apropriam do espaço urbano? A resposta para esta pergunta preconiza denso aporte de discussão teórica e de percepções das vivências juvenis em relação à cidade. O principal objetivo do estudo foi reconhecer a apropriação do espaço urbano pelos jovens contemporâneos, a fim de entender por quais espaços transitam e sua relação com estes espaços, sejam estes públicos ou privados. Tratou-se de um estudo qualitativo que, para atingir os objetivos propostos, fez uso da metodologia de cartas. Para a análise dos dados, foi utilizada análise de questões discursivas, aplicada a esta pesquisa na análise das cartas escritas pelos sujeitos. Os achados do estudo apontaram na direção de diferentes formas de apropriação do espaço urbano com recorrências significativas, como por exemplo, que os três lugares mais citados na cidade de investigação foram locais públicos conhecidos; parques/áreas de lazer e ócio. Os shoppings centers apareceram com significativa relevância nos dados de pesquisa: dos lugares citados, sete foram shoppings, o que nos leva à reflexão sobre os espaços e os modos de consumo da juventude contemporânea. Desta forma, conclui-se, ainda, que no prelo, que os jovens contemporâneos de escola pública possuem significativas vivências urbanas; entretanto, falta-lhes uma maior apropriação deste espaço, com o intuito de melhor conhecê-lo, seus pontos principais e suas questões de ordem público e social.

**Palavras-chave:** Jovens. Juventudes. Cidade. Pertencimento. Educação.

## ABSTRACT

As contemporary young people appropriate the urban space? The answer to this question calls for heavy investment of theoretical discussion and perceptions of youth experiences in relation to the city. The main objective of the study was to determine the appropriation of urban space by contemporary young people in order to understand by which transit spaces and their relationship with these spaces, whether public or private. This was a qualitative study, that to achieve the goals, took the letters methodology. For data analysis, we used analysis of essay questions, applied to this research in the analysis of letters written by the subjects. The study's findings pointed toward different forms of urban space appropriation with significant recurrences, such as the three most cited places in the city of research were public places that are known parks / leisure and entertainment areas. The centers malls appeared with significant impact on the research data: the aforementioned places, seven were shopping, which leads us to reflect on the spaces and the consumption patterns of contemporary youth. Thus, it appears even in the press, the public school of contemporary young people have significant urban experiences, however, they lack greater ownership of this space, in order to better know it, your main points and your points of order public and social.

**Key words:** Young. Youth. City. Belonging. Education. Felício Dos Santos.

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 DE JOVENS E DE PERTENCIMENTO URBANO

De que maneira o jovem contemporâneo vem se apropriando do espaço urbano? Sabemos, de fato, dos percursos do jovem na cidade? Qual a relação deste tema com o ensino, em um mundo globalizado e contemporâneo? Para responder estas perguntas, faz necessária uma profunda imersão na etnografia do jovem, contemporâneo. Várias pesquisas já apontam para determinados usos do espaço urbano pelo jovem e como eles se apropriam destes espaços, utilizando-os das mais diferentes formas. Este artigo trata-se de um recorte de projeto de Tese de Doutorado que investiga as relações que as juventudes estabelecem com o espaço urbano, seus desdobramentos e suas discussões.

Há concordância entre os pensadores (FEIXA, 1998; PAIS, 2003; CARRANO, 2003; STECANELA, 2010) de que ambas as temáticas centrais do artigo, quais sejam: juventudes e pertencimento/uso do espaço urbano, estão em voga e carecem de maiores discussões no âmbito da pesquisa. Por um lado, o melhor entendimento de quem é o jovem contemporâneo, quais são seus anseios e expectativas, o que esperam da sociedade e como vem contribuindo com ela. Agrega-se também, a temática da cidade que, cada vez mais, ganha adeptos e seguidores, considerando que a vida nas grandes e médias áreas urbanas vem se tornando mais difícil, no que se refere aos mais diferentes problemas, como: mobilidade, violência, moradia, lazer, entre outros.

O principal objetivo do estudo que gerou o presente artigo foi reconhecer a apropriação do espaço urbano pelos jovens contemporâneos de escola pública, a fim de entender por quais espaços transitam e sua relação com estes, sejam públicos ou privados.

Este artigo organiza-se em quatro sessões, a saber: Conceitos-Chave para o estudo, Quadro metodológico da investigação, Análises dos achados, e Considerações. Na sessão “conceitos-chave para o estudo” apresentaremos os dois principais blocos de conceitos que embasaram teoricamente o estudo em si: culturas juvenis contemporâneas e a apropriação do espaço urbano. Já na sessão “quadro metodológico da investigação” apresenta-se a metodologia empregada no estudo, qual seja: metodologia de cartas. Na sessão “análises dos achados” são colocados os principais resultados de pesquisa do estudo realizado e seus diálogos com os autores. Por fim, a sessão “considerações” apresenta as principais conclusões que foram construídas a partir do estudo realizado.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Conceitos-chave para o estudo

Tratando-se de um estudo que previu por em diálogo dois pontos fundamentais culturas juvenis contemporâneas e apropriação do espaço urbano, torna-se importante ampliar a discussão dos mesmos, trazendo à tona os principais autores que dialogam estes temas, seja individualmente ou em conjunto.

### 2.2 Culturas Juvenis Contemporâneas

Ao entrar em uma sala de aula ou cruzar com os mesmos em outros espaços não-escolares, é impossível não notar sua presença. Estão à nossa frente, falam com linguagem própria, gesticulam, utilizam vestimenta própria, escutam música, digitam no celular, reúnem-se em grupo, expressam deliberadamente suas emoções: são os jovens contemporâneos. Essa temática das culturas juvenis é amplamente trabalhada e apresentada por Feixa (1998, p. 32), quando afirma que:

En un sentido amplio, las culturas juveniles se refieren a la manera en que las experiencias sociales de los jóvenes son expresadas colectivamente mediante la construcción de estilos de vida distintivos, localizados fundamentalmente en el tiempo libre, o en espacios intersticiales de la vida institucional.

Observamos, assim, nos estudos de Feixa (1998), que as culturas juvenis se formam na coletividade. É claro que existem muitos espaços não formais de aprendizagem, e que os ao mesmo tempo, se encontram em muitos outros espaços, geralmente urbanos.

Outro importante autor, Pais (2003, p. 98) defende que:

[...] a juventude deve ser olhada “não apenas na sua aparente unidade, mas também na sua diversidade”, pois não há um único conceito de juventude, que possa envolver todos os campos semânticos que a ela estão associados.

Aqui cabe destacar a noção de que não se pode simplesmente homogeneizar as juventudes contemporâneas como uma categoria única, formada por uma massa de sujeitos-padrões. Para se entender quem é o jovem contemporâneo e o que pensa, também é necessário entender as particularidades de cada sujeito ou de cada sub-grupo de que forma, nas práticas cotidianas dos mesmos.

Ao questionar os sujeitos da pesquisa sobre os espaços que mais gostam de frequentar apropria-se, então do conceito de “espaço social praticado”, já apresentado por Stecanela (2010, p.65) quando afirma que

[...] os “espaços sociais praticados”, especialmente no tempo livre dos jovens, contribuem para a constituição de redes de sociabilidade que, por sua vez, ajudam na construção das múltiplas identidades juvenis, a partir da relação consigo, com o outro, com o grupo e com a cidade.

Sob esta ótica, entende-se que o jovem, em sua constituição identitária cria as chamadas redes de sociabilidade, construindo elos entre seus pares e as outras pessoas. A autora é enfática ao afirmar que esta relação também se dá com a cidade, ou seja, a apropriação do espaço urbano.

Há que se entender, neste contexto, que o uso do espaço urbano pelo jovem contemporâneo pode se dar tanto no âmbito individual, como no âmbito coletivo. O fato é que, individualmente ou coletivamente, o jovem transita pela cidade para cumprir suas mais variadas funções: estudo, trabalho, lazer... O tensionamento que surge a partir deste entendimento é: será que o jovem olha para sua cidade ou apenas a vê como espaço de trânsito? Quais são, efetivamente, as relações do jovem com sua cidade?

### **2.3 Apropriação do Espaço Urbano**

Para que possamos construir o conceito de apropriação do espaço urbano, de maneira a dar sentido de como a pesquisa o entende e o utilizou, faz-se necessária a constituição do entendimento de quatro conceitos importantes que, ao bricolarem-se, compõe o mosaico-entendimento da “apropriação do espaço urbano. São eles: espaço geográfico, espaço urbano, território e lugar.

#### **2.3.1 Conceito de Espaço Geográfico**

Espaço Geográfico é o objeto de estudo da Geografia, definindo-se, assim, como o conceito máximo da ciência. No espaço Geográfico estão contempladas as relações intrínsecas entre a natureza e a sociedade e suas consequentes modificações ao longo do tempo. O conceito de espaço Geográfico é definido por Santos (1997), quando afirma ser: “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. (p.

51). Dessa forma, para poder entender com melhor propriedade o espaço urbano, faz-se necessário o entendimento do que é o espaço geográfico, categoria mais abrangente da Geografia, a qual inclui, então, os próprios espaços urbanos.

### 2.3.2 *Conceito de Espaço Urbano*

A Geografia Urbana é a área da Geografia que se dedica a estudar os fenômenos socio-físico-espaciais das áreas urbanas e suas relações com o mundo em constante construção, reconstrução e desconstrução. Neste sentido, o espaço urbano é definido como “uma unidade de análise consistindo em um conjunto de edifícios, atividades e população conjuntamente reunidos no espaço” (CLARK, 1991, p. 37). Fica clara a expressão do autor quando apresenta uma cidade como um sistema de objetos – edifícios – mas também como um sistema de ações/movimentos – atividades e população; assim sendo, podemos entender o espaço urbano pela lógica do próprio espaço geográfico.

### 2.3.3 *Conceito de Território*

Para a Geografia, a noção do entendimento do conceito de território deriva do entendimento de uma regra básica: território é a expressão de qualquer tipo de poder sobre qualquer tipo de espaço. Podemos entender o território como uma categoria de análise geopolítica, por exemplo, ou simplesmente como um conceito estruturante da geografia nas escolas. Haesbaert (2011), já nos aponta para muitas visões de interpretar a categoria “território”. Seriam elas: materialista, naturalista, econômica, jurídico-política, idealista, integradora. O fato é que, em todas elas, a ideia de poder/apropriação sobre o espaço se faz presente, sentido este ideal para a construção conceitual a que se propusera o presente estudo, na medida em que tratamos da apropriação dos espaços urbanos por jovens contemporâneos.

### 2.3.4 *Conceito de Lugar*

O Lugar, na Geografia, é uma maneira que se tem de interpretar o espaço Geográfico – conceito maior e objeto de estudo – a partir das relações de identidade e pertencimento estabelecidas com o próprio espaço. Neste sentido, há que se ponderar, para o estudo, que a identificação com determinados espaços urbanos diz muito sobre os pertencimentos dos jovens à e na cidade. É importante aclarar que o espaço que é lugar para determinado sujeito,

pode não ser para outro, abrindo-nos a discussão dos espaços topofílicos (lugares, de pertencimentos) e os espaços topofóbicos (de estranhamento). Nesta amplitude de conceitos, o lugar compõe-se, assim, da forma mais próxima que o espaço geográfico pode ser percebido pelos sujeitos.

## 2.4 Amarrando os conceitos

Neste sentido, ao apresentarmos os dois eixos conceituais básicos da pesquisa, culturas juvenis contemporâneas e apropriação do espaço urbano, pode-se compreender o quão interligados estão tais conceitos, uma vez que o entendimento dos usos-trânsitos juvenis no espaço urbano passa por uma filiação de identidade (conceito de lugar) e por sentimentos de posse (conceito de território).

A compreensão da ideia de Espaço Geográfico e que este inclui por natureza o espaço urbano, bem como que podemos identificar diferentes territórios que se formam e se desformam no a qualquer momento, nos coloca frente ao quão inquietante são estes estudos. Da mesma forma a compreensão do conceito de lugar e as diferentes lugarizações que se estabelecem no espaço urbano pelos jovens contemporâneos, na medida em que citaram, ao longo da pesquisa, espaços de identificação.

## 3 METODOLOGIA

A pesquisa que resultou no presente artigo tratou-se de um estudo qualitativo que, para atingir os objetivos propostos, fez uso da metodologia de cartas. As cartas, na história da humanidade, vêm cumprindo papel de extrema importância, desde a descoberta da linguagem até os tempos contemporâneos, no mundo digital. Na realidade brasileira, conforme Gomes (2004, p.8):

cartas, diários íntimos e memórias, entre outros, sempre tiveram autores e leitores, mas na última década, no Brasil e no mundo, ganharam um reconhecimento e uma visibilidade bem maior, tanto no mercado editorial quanto na academia. Apesar disso, não são ainda muito numerosos os estudos que se dedicam a uma reflexão sistemática sobre este tipo de escritos [...]

O estudo foi desenvolvido junto a trinta jovens entre 15 e 25 anos que frequentam uma escola pública de um grande cidade brasileira: Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. Os sujeitos da pesquisa receberam a instrução de que acolheriam um turista vindo do

exterior, e teriam que apresentar sua cidade para este estrangeiro por um período de vinte e quatro horas. Um papel de carta foi entregue aos sujeitos, o qual continha a seguinte inscrição: “Prezado turista, me chamo (fulano) e teremos 24h juntos em minha cidade, portanto...”. A partir deste ponto, os sujeitos deveriam escrever sobre seus trajetos urbanos.

**Figura 1 – Modelo de papel de carta entregue aos sujeitos da pesquisa**

Porto Alegre, 31 de março de 2016.

Prezado Turista,

Me chamo \_\_\_\_\_ e teremos um dia juntos em Porto Alegre.

Assim, eu gostaria...

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Solicitou-se, portanto, para os sujeitos da pesquisa, a confecção de uma carta que abordasse – diretamente – um dia de trânsito urbano em Porto Alegre, ou seja, aqui se colocasse a perspectiva da vida social na cidade, já que os sujeitos levariam o turista hipotético para conhecer os pontos turísticos e/ou de alimentação da cidade. Neste sentido, Carrano (2003, p. 120) afirma que “a vida social nas cidades indica para os sujeitos a experimentação de identidades que colocam em jogo as múltiplas personalidades requeridas pelas relações sociais.”

Para a análise dos dados, foi utilizada análise de questões discursivas, aplicada a esta pesquisa na análise das cartas escritas pelos sujeitos. O que foi escrito, em suma, disse respeito ao panorama da “escrita de si”, uma vez que os sujeitos escreveram sobre os seus espaços de identidade e pertencimento. Para tanto, está-se de acordo com Gomes (2004, p. 14), quando afirma que: a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua” verdade. Uma vez que os jovens-sujeitos da pesquisa afirmam a intencionalidade de levar o hipotético turista para os lugares

que citariam em suas cartas, os mesmos criam seus espaços de verdade, totalizando diferentes trajetórias.

Cabe ressaltar, por fim, que a pesquisa previu a livre aceitação dos sujeitos na participação e a possibilidade de que os mesmos saíssem da pesquisa a qualquer momento de sua construção. Os sujeitos maiores de 18 anos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e os sujeitos entre 15 e 18, anos além de assentirem à participação na pesquisa, receberam autorização dos responsáveis através da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Formando parte integral do processo de consentimento livre e esclarecido, houve a anuência da direção da escola na qual se realizou a pesquisa, através da assinatura do termo de realização de pesquisa acadêmica em ambiente escolar. Todos os referidos documentos encontram-se em posse dos autores.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 Análise dos achados de pesquisa

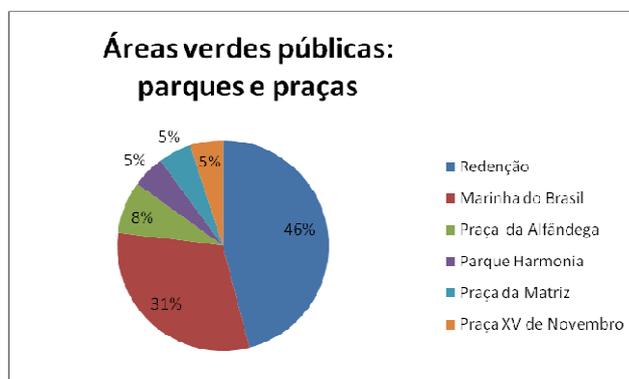
Os achados do estudo apontaram na direção de diferentes formas de apropriação do espaço urbano com recorrências significativas, como por exemplo, que os três lugares mais citados na cidade de investigação foram locais públicos, com 53% de citações destes espaços, sendo conhecidos parques/áreas de lazer e ócio, uma vez que os jovens inferem nestes espaços a serem apresentados a um turista que por sua cidade transite. Desta classificação, destacaram-se duas principais categorias: uma para os espaços públicos (os parques e as praças, com 33% de citações) e outra para os espaços privados (os shoppings, com 20% de citações).

**Figuras 2 e 3 – Gráficos dos tipos de espaços citados e das classificações mais citadas**



O principal espaço vivenciado pelos sujeitos-jovens da pesquisa, no que se refere às áreas verdes, as quais levariam um hipotético turista é o Parque Farroupilha (Redenção).

**Figura 4 – Gráfico das áreas verdes citadas**



Espaço da antiga Vila de Porto Alegre, o Parque Farroupilha já foi área de Várzea, que ficava fora dos muros e dos portões da cidade. Espaço de criação de gado, de embates da Revolução Farroupilha, de comemorações – precoces – da abolição da escravatura, apenas em 1927 foi declarado parque e, muito depois, em 1997, tombado pelo Município de Porto Alegre como patrimônio histórico-cultural da cidade.

**Figura 5 – Parque Farroupilha (Parque da Redenção)**

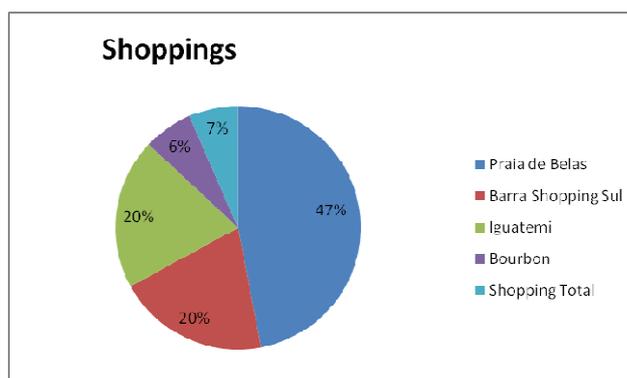


O Parque Farroupilha é um espaço de convivência e manifestações das culturas juvenis presentes em Porto Alegre. Não nos surpreendeu essa resposta no questionário de pesquisa, quando perguntamos sobre os espaços da cidade que são utilizados/ocupados/vividos pelos jovens urbanos contemporâneos.

Pereira (2011) já nos aclarava da importância do estudo das vivências do jovem urbano, justamente no Parque Farroupilha, espaço de pesquisa da Tese intitulada “Domingo no Parque: notas sobre a experiência do ser jovem na contemporaneidade”. A autora destaca de maneira clara as vivências desses jovens e das formas com o que ocupam o Parque Farroupilha nos mais variados moldes, por exemplo: vivências semanais de grupos (tribos); a exibição dos corpos e os expectadores que os estão assistindo; a diversidade sexual e a “pegação” no parque; a diversidade musical e o encontro dos jovens; os jovens que se embriagam com vinho; a performance de grupos homossexuais; a performance de várias tribos; os eventos que ali acontecem, como a parada gay.

Os shoppings centers apareceram com significativa relevância nos dados de pesquisa: dos lugares citados, sete foram shoppings, o que nos leva à reflexão sobre os espaços e os modos de consumo da juventude contemporânea. Com base nos dados coletados, faz-se necessária a discussão do quanto as multinacionais impregnam este desejo de consumo dos jovens, uma vez que, por exemplo, para a alimentação, os lugares mais citados foram grandes redes de fast food, ou alimentação rápida, a grande maioria dentro dos shoppings centers ou com lojas de rua. Dos shoppings mais citados nas escritas, destacaram-se os abaixo explicitados no gráfico.

**Figura 6 – Gráfico dos shoppings citados**



Falar em shopping é, em um primeiro momento, marcar a necessidade de um sistema capitalista de pensar, arquitetar, construir e manter “templos de compras”. Não se quer aqui ficar criticando o sistema, até porque vivo nele, frequento shoppings e, superficialmente, não enxergo tantos problemas que mereçam destaque neste tipo de trabalho. O fato é que o shopping se tornou um espaço de vivência não só juvenil, mas também destes que são os mais assíduos frequentadores destes espaços.

Em Porto Alegre, o Shopping Praia de Belas é o mais frequentado pelos sujeitos da pesquisa, com 47% dos jovens consultados, afirmando levar um turista neste espaço. Nossa principal hipótese para que tenha sido apontado este shopping é justamente pelo fato de ser um entre-caminho no trajeto entre suas casas, a escola e seus locais de trabalho (estágio).

**Figura 7 – Praia de Belas Shopping**



Criado em 1992, o Praia de Belas foi um dos primeiros shoppings da capital gaúcha, juntamente com o Iguatemi, o qual atualmente é o administrador deste shopping. Recentemente passou por obras de ampliação, formatando o espaço em três andares de lojas e com a construção de um prédio externo de estacionamento, e de uma torre comercial ligada ao prédio principal do shopping.

O shopping, nesse sentido, torna-se espaço de sociabilização desses jovens, na medida em que o frequentam e que nele realizam performances sociais, como a do ultimamente conhecido “rolezinho”. Esse é o termo designado para a junção de jovens em um shopping, que muitas vezes é agendada via online (Facebook, por exemplo). A seguir, podemos observar uma imagem de um “rolezinho”, que nos esclarece nossa visão sobre a proposta.

**Figura 8 – Ilustração do movimento juvenil “rolezinho”**



Cabe ressaltar que, nesta performance social do “rolezinho”, o jovem territorializa o espaço do shopping, muitas vezes causando indisposições com a segurança e os lojistas. Há o recente caso de outro shopping, em Porto Alegre que, nos finais de semana, barrou a entrada de menores de 16 anos, se não estivessem acompanhados dos pais ou responsáveis. Sobre o ato de o jovem territorializar o espaço do shopping, faz-se mais do que necessário retomar o conceito de território proposto por Haesbaert (2004, p. 1), quando afirma que:

[...] território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação.

Observaram-se, ainda, questões de desconhecimento de quanto tempo se levaria de um ponto a outro da cidade, como questões de desconhecimento do funcionamento dos espaços relatados, o que levou-nos a acreditar que alguns jovens apenas ouviram falar nos pontos turísticos citados, sem nunca haver estado nos mesmos, dada a sua situação de origem socioeconômica que, por sinal, nos parece ser muito baixa.

Os dados apontados nesta sessão, especialmente no que se refere ao pertencimento e às vivências dos jovens contemporâneos em áreas verdes (Parque Farroupilha, em especial) e em áreas privadas – shoppings (Praia de Belas Shopping, em especial), corroboram significativamente com os achados de pesquisa de Oliveira (2015), em trabalho intitulado: “Somos Jovens: o ensino de Geografia e a Escuta das Juventudes”, quando justamente afirma sobre estes espaços de territorialidade, pertencimento e identidade dos sujeitos em relação à cidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma, pode-se afirmar que os jovens contemporâneos de escola pública possuem significativas vivências urbanas; entretanto, falta-lhes uma maior apropriação deste espaço, com o intuito de melhor conhecê-lo, seus pontos principais e suas questões de ordem pública e social. Cabe, à guisa da conclusão, recordar as importantes palavras de Carrano, quando afirma que:

As cidades se apresentam como territórios privilegiados da ação social da juventude. Os jovens fazem a cada dia uma nova cidade que, em grande medida, é terra estrangeira para aqueles que não compartilham dos mesmos referenciais de identidade e se tornam impotentes para reconhecer a multiplicidade de sinais que emanam de suas múltiplas práticas. (2003, p. 109).

Assim sendo, entende-se que, efetivamente, os jovens constroem a cada dia uma nova cidade. Com as amostras da pesquisa, sendo construído uma cartografia dos jovens na cidade, ou seja, os trânsitos dos mesmos – para além de suas rotinas diárias – ao levar um turista para conhecer sua cidade os criando, assim, vínculos de identidade e pertencimento aos diferentes espaços. Os resultados de nossos estudos corroboram igualmente com as ideias do autor, quando aponta que os jovens que compartilham os mesmos referenciais de identidade (em nosso caso, escola pública, baixo nível socioeconômico, moradores de regiões periféricas) tornam-se importantes para reconhecer a multiplicidade de sinais que emanam de suas múltiplas práticas (ao não reconhecerem todo o espaço urbano citado ou citar espaços que nunca frequentaram, hipoteticamente).

Ao citar o parque e o shopping como grande maioria, como espaços para levar um hipotético turista, o jovem reafirma suas vivências em cotidiano, ou seja, só podemos falar na categoria de culturas juvenis, como categoria conceitual, na medida em que estes jovens exercem seus espaços de identidade (conceito de lugar) e de pertencimento (conceito de território) em espaços urbanos. O jovem é múltiplo, é efêmero, é urbano, é transitório.

## REFERÊNCIAS

CARRANO, P. C. R. **Juventudes e cidades educadoras**. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

CLARK, D. **Introdução à Geografia Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

FEIXA, C. La ciudad invisible: territorios de las culturas juveniles. In: MARGULIS, M.; CUBIDES, H.; VALDERRAMA, C. **Viviendo a toda**: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Santa Fé de Bogotá: Universidad Central; Siglo Del Hombre, 1998.

GOMES, A. C. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, A. C. (org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. **Revista do PET**. Porto Alegre: PET/GEA, 2004. Disponível em: (<http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>).

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

OLIVEIRA, V. H. N. **Somos Jovens**: o Ensino de Geografia e a Escuta das Juventudes. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

PEREIRA, A. S. **Domingo no Parque**: notas sobre a experiência de ser jovem na contemporaneidade. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2011.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1997.

STECANELA, N. **Jovens e Cotidiano**: trânsitos pelas culturas juvenis e pela escola da vida. Caxias do Sul: Ediucs, 2010.

**Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:**

OLIVEIRA, V. H. N; LACERDA, M. P. C. Culturas Juvenis e Pertencimento Urbano: Mapeando os Fluxos Juvenis na Cidade. **Rev. FSA**, Teresina, v. 15, n. 2, art. 6, p. 110-124, mar./abr. 2018.

Contribuição dos Autores	V. H. N. Oliveira	M. P. C. Lacerda
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X